IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

ISSN 1983-8174

MERCADO DE TRABALHO E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL: UM PANORAMA DOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

Laysa Ohana de Oliveira[1], Gloria Maria Frasão Alves[2], Aline Alves de Oliveira[3]

Resumo: No Brasil, com todas as mudanças econômicas ocorridas, a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho nunca foi tida como destaque no encadeamento da economia brasileira. Sendo assim, é de interesse fazer uma análise desse panorama nos últimos dez anos, o presente estudo tem esse objetivo e por meio de dados evidenciar, que apesar dos esforços das mulheres em assegurar sua posição em empregos dignos e alcançar equidade salarial, os indicadores não refletem plenamente essa luta histórica. Por meio de dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) trimestral dentre os anos de 2013-2023. Concluiu-se que, ao longo desses dez anos, tem-se pouca notoriedade da mudança e que com toda a discussão de que deve-se mudar esse cenário, ainda evidencia-se uma disparidade significativa tanto na inserção das mulheres no mercado de trabalho, que teve um crescimento médio de apenas 1,44%, quanto em seus rendimentos, que apresentaram uma diferença média de R$726. Além disso, constata-se que, em períodos de crise econômica, as mulheres são as primeiras a sofrer os impactos negativos em sua permanência no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Gênero. Renda.

1. Introdução

No ano de 2023, foi dado à economista Cláudia Goldin do departamento de economia da Universidade de Harvard, o Prêmio Nobel da Economia pelo seu avanço no estudo sobre a disparidade de gênero no mercado de trabalho, feito que trouxe à tona novamente discussões sobre o tema, cujo está sempre está em pauta por cientistas sociais. Myrrha, Campos e Queiroz (2019), observaram que em nações emergentes, as desigualdades de gênero no mercado de trabalho se sobressaem. "Principalmente naquelas compostas por desigualdades socioeconômicas, demográficas, climáticas e de desenvolvimento. Países com elevada extensão territorial tendem a vivenciar maiores desigualdades regionais, como é o caso do México e Brasil" (Myrrha et al.,p 3. , 2019).

Nos últimos anos, é mais comum ver mulheres conquistando um lugar no mercado de trabalho, em ambientes que antes somente tinha a presença masculina. O fenômeno da inclusão feminina no mercado de trabalho vem aumentando cada vez mais, até mesmo nos países em desenvolvimento, e o

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: ohana.oliveira03@urca.br
2 Universidade Regional do Cariri, e-mail: gloria.frasao@urca.br
3 Universidade Regional do Cariri, e-mail: aline.alves@urca.br

ISSN 1983-8174

Brasil não fica de fora. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), o 3º trimestre de cada ano de 2013 a 2023 mostram um aumento médio de aproximadamente 12,9% da participação feminina no mercado de trabalho. Embora haja um avanço nesse fenômeno, é importante salientar que essa inserção vem sendo acompanhada de grandes dificuldades e discriminação, não somente nas vagas de trabalho formal ou informal criadas, mas também na desigualdade salarial entre homens e mulheres (Probst e Ramos, 2003).

De acordo com Amaral (2012) os fatores para inserção da mulher no mercado de trabalho são influenciados pela necessidade constante de qualificação e a responsabilidade com o trabalho doméstico. Mesmo com o avanço no campo profissional e intelectual, não diminuiu o fardo que as mulheres têm com os trabalhos atribuídos socialmente. Por mais que haja avanços na inclusão da mulher no mercado de trabalho, na maioria dos países industrializados, essa segregação por gênero não se alterou significativamente.

Nos últimos 10 anos, o Brasil enfrentou uma série de crises econômicas e políticas que afetaram o país economicamente, principalmente mulheres no mercado de trabalho, como a crise econômica de 2014/2017, a crise política de 2016 e a Pandemia do COVID-19 em 2020. Em maio de 2016, a então Presidente da República foi afastada do seu cargo para ser julgada. Tal evento acarretou uma retração na economia de 3,8%. Já no segundo trimestre de 2016, a taxa de desemprego disparou para 11,3% (Amorim Neto, 2016). No terceiro trimestre de 2016 foi observado uma queda na inserção no mercado de trabalho de aproximadamente 2,47% de homens e 2,73% de mulheres, já em 2017 é possível notar uma recuperação de 0,01% da participação feminina no mercado de trabalho, enquanto a participação masculina cresceu 0.788%. Em 2020 a situação do COVID - 19 foi configurada como pandemia mundial. Ao chegar no Brasil, que ainda não estava totalmente recuperado das crises anteriores, a pandemia afetou principalmente o mercado de trabalho, que já se encontrava em desaceleração desde 2015 (Mattei e Heinen, 2020). No 3° trimestre de 2020 a taxa de inserção feminina do mercado caiu -15,72%, enquanto os homens tiveram uma queda de apenas -9% na inserção do mercado de trabalho. (PNAD, 2020).

2. Objetivo

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho, a partir da estatística descritiva e com os dados extraídos da PNADC/IBGE, é analisar o panorama da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro nos anos de 2013 a 2023, com intuito de mostrar seus avanços e desafios.

3. Metodologia

Esse estudo foi realizado por meio de estatística descritiva com dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)

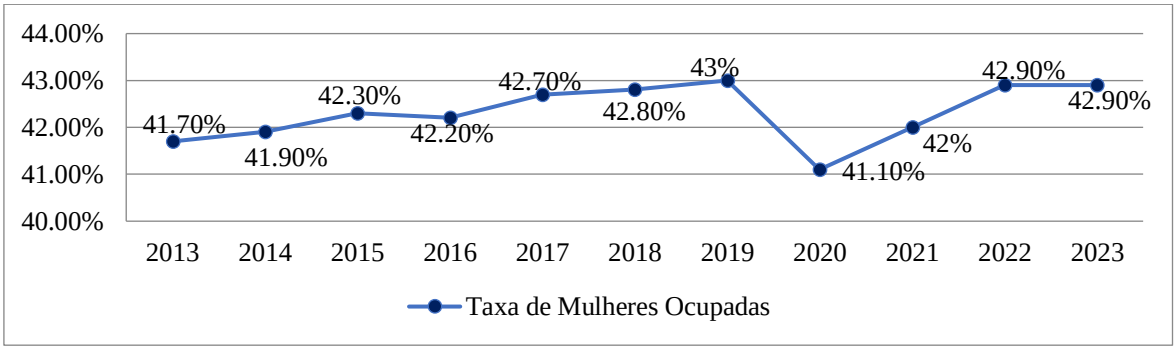
ISSN 1983-8174

trimestral, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram analisados os terceiros trimestres dos anos de 2013 a 2023, visto que mostram menos sazonalidades. As variáveis analisadas foram: PEA (Pessoas com 14 anos ou mais de idade na força de trabalho / economicamente ativas), Pessoas Ocupadas (uma pessoa é dita ocupada na metodologia usada pelo IBGE quando ela exerce atividade profissional (formal ou informal, remunerada ou não) durante pelo menos 1 hora completa na semana de referência da pesquisa) na semana de referência, e o Rendimento Médio Real das Pessoas Ocupadas na semana de referência.

4. Resultados

"Pouco a pouco as mulheres vão ampliando seu espaço na economia nacional. O fenômeno ainda é lento, mas constante e progressivo" (Probst e Ramos p. 5, 2003). Esse esforço temporal não está acompanhado de uma efetiva mudança no mercado de trabalho. As mulheres representam, em média, aproximadamente 42% das pessoas ocupadas no mercado de trabalho na última década. Observa-se um crescimento nos anos de 2017 (aumento de 2,7% em relação ao ano anterior) e 2019 (aumento de 2,3% em relação ao ano anterior), quando o país estava a se recuperar dos danos da crise política que deixou danos econômicos, como o desemprego.

Gráfico I- Taxa de Mulheres Ocupadas no Mercado de Trabalho brasileiro (2013 - 2023)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD contínua trimestral.

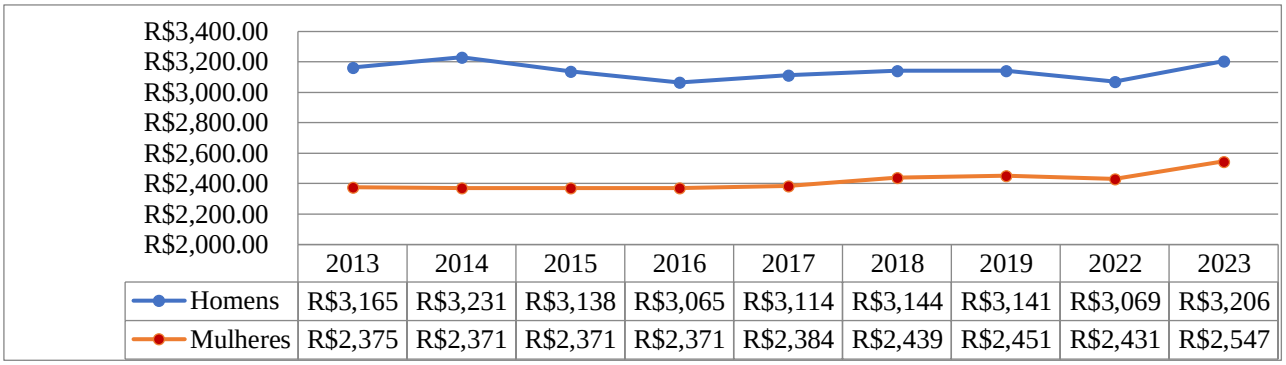
Como observado no gráfico I, no ano de 2020, em que a economia mundial foi prejudicada pela pandemia do vírus COVID - 19, a taxa de mulheres ocupadas caiu para 41,1%, sendo a menor da década. Felizmente, houve um aumento de 13,7% em relação ao ano anterior na taxa de mulheres ocupadas no mercado de trabalho, sendo os anos de 2022 e 2023 os anos com mais participação feminina, com 42,9% ambos.

Ao analisar o rendimento mensal real das pessoas economicamente ativas e ocupadas ao longo da década, foi constatado que a média da renda

ISSN 1983-8174

mensal dos homens é de R$3.141,00, enquanto a média das mulheres é de R$2.415,00. Apesar da diferença média de aproximadamente R$726,00, ambas as categorias foram impactadas pelas crises econômicas. No ano de 2016, por exemplo, os homens experimentaram uma redução no rendimento, como evidenciado pelo gráfico II, enquanto as mulheres mantiveram uma renda estável. Mesmo com essa diminuição, os homens ainda apresentaram um rendimento real superior em R$694,00. Nos anos de 2014 e 2015, as mulheres enfrentaram uma redução na renda, ao passo que o rendimento masculino aumentou, destacando a falta de um crescimento correspondente entre ambos os gêneros. Cabe ressaltar que a análise não inclui dados de 2020 e 2021 devido à pandemia.

Gráfico II - Rendimento médio mensal real das pessoas de 14 anos ou mais, ocupadas na semana de referência (2013 – 2023).



	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2022	2023
Homens	R$3,165	R$3,231	R$3,138	R$3,065	R$3,114	R$3,144	R$3,141	R$3,069	R$3,206
Mulheres	R$2,375	R$2,371	R$2,371	R$2,371	R$2,384	R$2,439	R$2,451	R$2,431	R$2,547

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD contínua trimestral.

No gráfico II, nota-se que as duas curvas não se cruzam em nenhum ponto temporal, o que conduz à conclusão de que, apesar de todo avanço e luta das mulheres para conquistar uma igualdade em toda a esfera da sociedade, ainda persiste uma diferença substancial das condições dos trabalhos atribuídos e remunerados às mulheres. Em suma, a curva de variação do rendimento médio mensal das mulheres, de 2013-2017, tem uma variação praticamente imperceptível e nos próximos quatro anos tem um crescimento lento, impactado pelas crises que assolaram a economia brasileira.

5. Conclusão

Com base nos dados apresentados e discutidos ao longo do trabalho, é possível concluir que, apesar do leve aumento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro, a disparidade de gênero permanece evidente no país. Mesmo durante períodos de crises econômicas e políticas que afetaram toda a população, as mulheres enfrentam consequências mais significativas. Observa-se ainda uma disparidade tanto na taxa de ocupação das mulheres no mercado de trabalho em comparação com os homens, quanto nos rendimentos de ambos os grupos. Com o panorama apresentado, fica evidente que, mesmo

ISSN 1983-8174

com tanto esforço da população feminina para expandir seu lugar no mercado de trabalho, existe uma desproporção que não diminuiu expressivamente na última década.

6. Referências

AMARAL, Graziele Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. Itinerarius Reflectionis, v. 8, n. 2, 2012.

AMORIM NETO, Octavio. A crise política brasileira de 2015-2016: diagnóstico, sequelas e profilaxia. Relações Internacionais, n. 52, 2016.

BARBOSA, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. Estudos Avançados, v. 31, p. 51-60, 2017.

COTRIM, Luisa Rabioglio; TEIXEIRA, Marilane; PRONI, Marcelo Weishaupt. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. Instituto de Economia, Unicamp, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de gênero: indicadores: população ocupada. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,1,2,-2,-3,128,129&ind=4728. Acesso em: 10 abr. 2024.

MATTEI, Lauro. Os efeitos da crise econômica de 2015-2017 sobre o mercado de trabalho brasileiro. In: O Brasil pós-recessão: das origens da crise às perspectivas e desafios futuros, p. 113, 2018.

MATTEI, Lauro; HEINEN, Vicente Loeblein. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. Brazilian Journal of Political Economy, v. 40, p. 647-668, 2020.

MYRRA, Luana Junqueira Dias; QUEIROZ, Silvana Nunes de; CAMPOS, Jarvis. Espacialização da desigualdade de gênero no trabalho remunerado e não remunerado no Brasil: 2005 a 2015. In: IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Trabajo, 2019.

PINHEIRO, Luana Simões et al. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014. 2016.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2003.